

# Sobre a *Apologie de l'ennui* do Barão de Holbach

On the *Apologie de l'ennui*, of Baron d'Holbach

**Marcelo de Sant'Anna Alves Primo**

Doutor em Filosofia | Professor titular do Colégio de Aplicação  
Universidade Federal de Sergipe [CODAP-UFS]

## RESUMO

Em um pequeno escrito intitulado *Apologie de l'ennui et des ennuyeux*, Holbach, sob uma apologia, repudia a figura do *ennuyeux*. O retrato dos costumes traçado pelo Barão é acompanhado de uma crítica filosófica que remonta às causas originais tanto da propagação como da universalidade do tédio. Tal reflexão o Barão já empreendera em *La Moral Universelle*, o que permite fazer uma leitura da *Apologie* como uma crítica invertida, por meio de uma condenação contundente do tédio, este entendido como uma permanente insatisfação da natureza humana.

## PALAVRAS-CHAVE

Holbach; Filosofia; Tédio;  
Natureza humana.

## ABSTRACT

In a short writing entitled *Apologie de l'ennui et des ennuyeux*, Holbach, under an apology, repudiates the figure of *ennuyeux*. The portrait of the customs drawn by the Baron is accompanied by a philosophical critique that goes back to the original causes of both the propagation and the universality of boredom. Such a reflection the Baron had already undertaken in *La Moral Universelle*, which allows to make a reading of *Apologie* as an inverted criticism, through a blunt condemnation of boredom, this understood as a permanent dissatisfaction of human nature.

## KEY WORDS

Holbach; Philosophy; Boredom;  
Human Nature.

Entre o fim do século XVIII até os dias atuais, mudanças ocorreram ao ponto de não ser mais possível negar uma coisa: o tédio tem uma história. Em uma introdução intitulada “Deux siècles d’ennui” do livro *L’ennui: histoire d’un état d’âme*, Christophe Granger afirma que o tédio é um fenômeno ligado a um espaço e tempo determinados, que tem a sua raiz “na experiência fora de sintonia do mundo ou, mais exatamente, na presença contrária ao que é desfrutado, na discordância que se introduz entre o presente vivido e o esperado” (Granger; *et al*, 2001, p. 10).<sup>1</sup> Essa assimetria manifestada pelo tédio entre o que se vive e o que se espera da própria vida está, de certa maneira, ligada ao problema da inquietude do homem, tão cuidadosamente estudada no livro de Jean Deprun *La philosophie de l’inquiétude en France au XVIII<sup>e</sup> siècle*. Filósofos e anti-filósofos lidam inevitavelmente com a inquietude e tentam explicá-la de diferentes maneiras e, mais do que isso, possibilitam entrever a sua associação com o tédio mesmo este não sendo especificamente objeto de estudo do livro de Deprun: a inadequação entre o homem e o mundo que nada pode apaziguar, reflexão surgida a partir do embate no século XVIII entre o naturalismo do *Sistema da natureza* de Holbach e o criacionismo cristão.<sup>2</sup> Dessa maneira, “explicitamente ou implicitamente, a filosofia das Luzes substituiu o teocentrismo agostiniano por um fisiocentrismo da inquietude” (Deprun, 1979, p. 11).

Além dessa associação do tédio com a inquietude, o último pode ser caracterizado de uma outra maneira: como consequência direta de uma insaciabilidade do desejo, buscando sucessivamente novos prazeres para serem desfrutados. A descrição e definição corrente do que seja a época das Luzes é que foi um tempo do exercício crítico da razão contra os preconceitos, que supostamente erradicaria os erros da mente humana em todos os ramos do conhecimento. Entretanto, à sombra dessa luz racional irradiante havia o imaginário e o desejo que controlavam tanto o discurso como as ações dos homens. Nesse sentido, se não é mais possível falar de uma natureza determinada de uma necessidade, mas de uma indeterminação que culmina fatalmente em uma insatisfação, esta por sua vez se caracteriza como uma necessidade do novo,

---

<sup>1</sup> A introdução é muito boa, que apresenta e aborda diversas frentes que possibilitam entender o fenômeno do tédio, mas que desconsidera absolutamente o texto de Holbach sobre o tema.

<sup>2</sup> Em uma síntese do seu próprio livro, Deprun afirma: “O século das Luzes foi o de uma luta entre o naturalismo (de Holbach escrevendo o *Sistema da natureza*...) e o criacionismo cristão. Logo, a inquietude concebida à maneira de santo Agostinho, de Pascal, de Malebranche, servia à apologética cristã com um argumento antropológico central. Os homens das Luzes tinham laicizado — medicamente, por exemplo — a explicação desse fato? Uma batalha se deu em torno da inquietude? Restava-me verificar esta hipótese” (Deprun, 1979, p. 117). Ver também Ciaramelli, 1980, pp. 441-444.

tornando-se uma “espiral indefinida de desejos e insatisfações fugazes, que provocam novos desejos e assim indefinidamente” (Monzani, 2001, p. 69).<sup>3</sup>

Segundo Lars Svendsen, o tédio como problema filosófico é a tentativa de compreensão sobre quem somos e como podemos nos ajustar ao mundo no momento presente, à medida que é algo constituinte da nossa vivência, longe de ser pensado sistematicamente. Contudo, ele não pode ser reduzido “a um estado mental interior, é também uma característica do mundo, pois participamos de práticas sociais que estão saturadas de tédio” (2006, p. 16).<sup>4</sup> Em particular, no mundo dos salões da Paris do século XVIII, quando a *bonne société* pretendia escapar por todos os meios do tédio, perigo o qual sucessivamente a assolava mesmo em meio a tantas diversões que lhe estavam disponíveis, parece inescapável afirmar que, nos círculos sociais da mundanidade aristocrática parisiense, a mera ociosidade<sup>5</sup> é seu lugar-comum.<sup>6</sup> Nesse sentido, o que teria de mais profundamente filosófico nessa onipresença do tédio nos meios esclarecidos? A saber, uma espécie de revelação da face oculta desse frenesi social, manifestada pela suposta necessidade<sup>7</sup> de diversão pouco importando quão fútil ela seria, uma vez que seu fim último seria de afastar a solidão. Em círculos em que a proporção entre a diversão e o aborrecimento é quase que equivalente, “o mundo no qual se entedia e o mundo no qual se diverte são as duas faces de um mesmo fenômeno” (Lilti, 2005, p. 225). O barão de Holbach, por sua vez, deu a sua contribuição à questão, mesmo valendo-se ora de um estilo<sup>8</sup> direto contra o tédio como na *Moral Universal* — 1776 — ora valendo-se de um expediente irônico como em sua *Apologie de l'ennui* — 1790? 1793?<sup>9</sup> Se pelo estilo, os dois textos destoam devido à forma de abordar o problema<sup>10</sup>, no conteúdo os dois escritos convergem: o tédio é o maior dos males que a natureza concedeu aos homens por, na maioria das vezes, ocuparem-se com coisas fúteis.

<sup>3</sup> Para o que nos interessa aqui, toda a reflexão acerca da insaciabilidade do desejo feita por Monzani tem como ponto de partida uma crítica que Holbach faz ao luxo. Segundo o barão, o luxo atíca o imaginário fazendo com que os homens através dele queiram mais grandeza, poder e bem-estar não importando a maneira de obtê-lo.

<sup>4</sup> Inegavelmente, as pistas sugeridas por Svendsen têm todo o mérito quanto a pensar o tédio filosoficamente. Todavia, quando afirma no prefácio de seu livro *Filosofia do tédio* que este “não pode ser superado mediante nenhum ato de vontade própria” (2006, p. 8), Holbach não compartilharia de tal concepção. Já antes d'*Apologie*, o Barão afirma que o único porto seguro que o homem pode encontrar contra o tédio é em si mesmo. Cf. *Moral Universal*, I, §2, cap. VIII.

<sup>5</sup> Sinonímia de um intelecto desocupado.

<sup>6</sup> Cf. Lilti, 2005, em particular a 3ª parte, cap. VI. Schopenhauer vai mais além, quando afirma que o pavor suscitado para dissipar o tédio é típico do mundo aristocrático, pois este está “numa luta persistente, muitas vezes realmente desesperada contra o tédio” (2002, p. 24). Cf. também *O mundo como vontade e representação*, §57.

<sup>7</sup> Para Pascal essa necessidade de divertir-se alimentada por um anseio de independência é o que descreveria o próprio homem. Cf. *Pensamentos*, 1ª seção, IV, §78.

<sup>8</sup> Sobre o estilo do texto em comparação com as outras obras do barão, ver Lizé, 1975, p. 28.

<sup>9</sup> Sobre a imprecisão da data de publicação d'*Apologie*, ver Lizé, 1975, p. 28.

<sup>10</sup> Pois não estando a par de que a *Apologie* é uma louvação invertida do tédio, cair-se-ia na armadilha desse texto estar contradizendo as afirmações peremptórias do Barão contra tal fenômeno.

## II

No oitavo capítulo da primeira parte d'*A Moral Universal*, Holbach dedica uma reflexão ao tédio e, de saída, define-o como “o suplício rigoroso do qual a natureza se serve para punir todos aqueles que se recusam a se ocupar” (1776 [1961], p. 216; 2014, p. 239) e mais à frente afirma que “o tédio é esse langor, essa estagnação mortal que produz no homem a ausência de sensações, capaz de adverti-lo de sua existência de uma maneira agradável” (*ibid.*). Para o barão, à fuga do tédio é necessário o exercício dos órgãos humanos, externos e internos, pois os órgãos do homem são desgastados com muito trabalho, ao passo que quando não trabalham tendem a perder o hábito de cumprir tarefas que lhes foram incumbidas. Se trabalhar tem como fim a subsistência, na ausência de ocupação o intelecto começa a operar, mas como comumente os espíritos não são cultivados, a desocupação leva o indivíduo a fazer o mal, vendo no crime como um substitutivo do labor corporal que fora abandonado pela preguiça. Afinando mais a sua argumentação, Holbach afirma que a opulência quando dispensa o trabalho físico, faz com que o espírito se movimente perpetuamente, uma vez que o faustoso sempre é perturbado por uma necessidade de sentir, buscando em suas riquezas expedientes que diversifiquem as suas sensações. Entretenimentos de toda ordem proporcionam ao seu organismo variados movimentos que o satisfazem por um determinado momento, dando-lhe um curto bem-estar. Todavia, os objetos que o agradaram causaram sensorialmente todos os gozos possíveis, exigindo novos modos de sentir e “a natureza, esgotada pelo abuso que se fez dos prazeres que ela apresenta, deixa o rico imprudente em uma languidez mortal” (1776[1961], p. 217; 2014, p. 241). Nesse sentido, longe de condicionar seu discurso à sua própria condição social, já que era de família privilegiada economicamente e supostamente poderia ser mais um apologeta do luxo<sup>11</sup> dentre tantos nos círculos aristocráticos parisienses, Holbach requer uma *ação* para a vida social, assim como para a vida do corpo.

Em determinadas passagens, poder-se-ia correr o risco de interpretar as reflexões do barão sobre o tédio como uma espécie de apologia inocente do trabalho, na qual não teria espaço algum para o exercício intelectual tampouco para o homem divertir-se. Todavia, quando exige que a mundanidade seja ativa, Holbach denuncia a inércia de determinadas autoridades políticas que em vez de injetar ânimo nas nações, são como cadáveres ambulantes que se tornam um pesado estorvo para aqueles que os cercam ou, no caso de agirem, no máximo o fazem com o intuito de perturbar a sociedade. Assim, o alvo é preciso: se um dos cuidados de um bom governo é o estímulo do trabalho a todos os cidadãos, ocupando-os utilmente e condenando como deplorável essa mera ociosidade, deve-se às autoridades governamentais deso-

---

<sup>11</sup> Cujas palavras de ordem estaria no poema *Le Mondain*, de Voltaire.

cupadas que, querendo que os outros trabalhem para sustentar o fausto e a inoperância política, são o maior exemplo de que “a desocupação habitual na qual vivem os ricos e os poderosos é visivelmente a verdadeira fonte dos vícios pelos quais eles estão infectados, e que eles transmitem aos outros” (*ibid.*). Nesse sentido, o barão atribui a necessidade da ação tanto aos que governam quanto aos governados, a despeito de uma hierarquia entre as esferas, pois os que estão à frente do poder deveriam ser os primeiros a dar um exemplo de quanto uma nação precisa ser ativa política, ética e socialmente para não se deixar corromper por vícios que inevitavelmente levam os governos à sua derrocada.<sup>12</sup>

A volubilidade e a insaciabilidade dos espíritos curiosos predominantes nas sociedades abastadas é a manifestação absoluta de uma necessidade ininterrupta de desfrutar de sensações novas, que supostamente renovariam as energias de organismos mergulhados na letargia. Essa necessidade quando aumenta tem de encarar numerosos perigos reais quando o principal intento é satisfazê-la, mobilizando as multidões às novidades e entretenimentos de toda ordem e tentando ver nisso algum alento provisório para o seu fastio costumeiro. Sendo esses anseios o resultado direto do desconhecimento da parte de espíritos vazios que não sabem bastar a si próprios, a constatação é a onipresença do tédio que os acossa. Para o barão, paradoxalmente o tédio é encontrado justamente naquilo que tinha a intenção de afastá-lo ou minimizá-lo, ou seja, em todas as participações sociais que davam a esperança — ou ilusão — de proporcionarem os deleites mais vivazes. Todavia, longe de encarar o tédio como algo insuperável, condenando o homem a sempre ver as suas necessidades como um fim em si mesmas e não como meios de escapar do aborrecimento, Holbach afirma que “não é senão dentro de si mesmo que o homem pode encontrar um abrigo seguro contra o tédio” (1776 [1961], p. 219; 2014, p. 242). Como prevenção para os efeitos dessa inércia mortal, a educação tem um papel fundamental como um estímulo desde a infância para os que desfrutam do conforto ou da opulência sem trabalhar, o apreço pelo trabalho intelectual. No exercício das faculdades intelectuais seria encontrada uma maneira de se ocuparem prazerosamente, conduzindo-os à felicidade e podendo inspirar tal exemplo para toda uma sociedade. Os mais jovens estando acostumados ao trabalho mental, chegará o momento que o tédio será algo superado, e com ele a opulência vulgar e a letargia que impede as ações. Empregando o seu tempo de um modo proveitoso para ele mesmo, o homem “assim acostumado a viver sem dificuldades consigo mesmo, torna-se útil aos outros” (*ibid.*). Distanciando-se de Pascal quando este afirma que “se o homem fosse feliz, tanto mais o seria quanto menos se divertisse, como os santos e Deus” (2001,

---

<sup>12</sup> Necessidade igual da ação para distintos âmbitos a qual Antoine Lilti negligenciou quando diz que “a teoria da sociabilidade desenvolvida por Holbach, longe de defender a autonomia de um espaço social particular e igualitário, se esforça para assentar o todo da ordem social, com suas distinções de categoria e de condição, sobre princípios de sociabilidade e de utilidade social” (2005, p. 216).

I, VIII, § 132[170]), Holbach vê no próprio homem a escapatória de seus aborrecimentos existenciais e sociais.

### III

Os critérios de um homem aculturado que quer ser distinto dos demais em determinados círculos já mencionados por Holbach n'*A Moral Universal* vão dar o tom do seu aparato irônico no breve texto *Apologie de l'ennui et des ennuyeux*<sup>13</sup>, escrito que, segundo Alain Sandrier é um “trabalho de pintura satírica [...]” que faz “um exame de um certo tipo de caráter repertoriado da comédia humana” (2004, p. 151). Sob uma apologia invertida do tédio — que nas entrelinhas é uma crítica política e social — o principal alvo da ironia sob a pena do barão é a figura do *ennuyeux*<sup>14</sup>, definido como um fardo constante para si mesmo, para os outros e incapaz de conversar sobre algo relevante. Quando os costumes n'*Apologie* são retratados, desdobra-se uma crítica do tédio por um viés filosófico, pois a aparente seriedade do texto a respeito de uma figura cômica que é o entediado é, na verdade, uma tentativa de remontar às causas da expansão e da universalidade do tédio (2004, p. 151). Assim, como outrora mencionado, o que foi escrito e descrito peremptoriamente e sem recurso estilístico algum em um primeiro momento, posteriormente a condenação do tédio será desenvolvida de uma outra maneira, mas sem perder de vista o objeto da crítica.

Aparentemente concedendo àqueles que entendem que o tédio é algo benéfico para as sociedades, que proporciona grandes bens concretos e notáveis, que os entediados — e entediantes — desempenham um papel muito respeitável nas sociedades ditas policiadas e que, para coroar a ironia, à felicidade dos Estados é imprescindível uma grande quantidade de entediados, Holbach desfere o golpe: “Com efeito, é no seio das nações ricas, instruídas e civilizadas que o tédio comumente tem a sua morada. Uma nação selvagem, laboriosa não tem a vantagem de conhecê-lo nem o tempo e os meios de conhecê-lo” (1975, p. 28). Nas entrelinhas, o barão inverte os termos: se ser civilizado é ser aquele que tem o privilégio de entediar-se, de sempre que satisfizer uma necessidade logo surgirá outra, aqui tem lugar uma crítica das *bonnes sociétés* que corriqueiramente empregam as suas riquezas em coisas fúteis.

<sup>13</sup> “Um homem cujo espírito não tem cultura não tem outros meios de se distinguir no mundo a não ser por seu fausto, seus ornamentos, seu luxo e sua fatuidade. Ele jamais saberá como empregar seu tempo e carrega de círculo em círculo seus aborrecimentos, sua inépcia, sua presença incômoda: sempre uma carga para si mesmo, ele se torna uma carga para os outros. Sua conversa estéril não gira senão em torno de ninharia indignas de ocupar um ser racional” (2014, p. 244).

<sup>14</sup> Importante atentar para a distinção entre *ennuyeux* e *ennuyant*. O primeiro termo remete ao que é cansativo e que causa desagrado constante ou muito frequente; quanto ao último, remete a tudo que seja contrariante, que causa um desagrado passageiro. Tal adjetivo é frequentemente usado em Québec, na Bélgica e nas Antilhas. Entretanto, é preciso saber que é considerado como ultrapassado e regional no resto da francofonia, onde o adjetivo *ennuyeux* abarca as duas coisas.

A vacuidade interior proporcionada pelo tédio que de início só incomoda ao entediado, não tardará a se disseminar por toda a sociedade, já que Holbach insiste na associação entre opulência, ociosidade e inutilidade social. As perversões sociais advindas do luxo que ao invés de afastar o langor somente o fazem crescer são a manifestação de uma destruição egoísta movida por motivos ignóbeis do que poderia contribuir ao bem-estar social. O mau emprego do tempo, atribuído às nações selvagens, agora mudam de lado, já que os ricos não têm a menor noção do que seja essa “arte de empregar o tempo” (1776 [1961], p. 220; 2014, p. 244). Sendo o trabalho o seu pior inimigo, a conclusão irônica só poderia ser que “o tédio é o signo infalível de uma sociedade florescente, e é em uma nação em seu mais alto grau de glória e riqueza que os homens se dividem naturalmente em duas grandes classes, a dos Entediados e a dos Entediados” (1975, p. 29).

Reportando-se às autoridades políticas e às sociedades policiadas, Holbach continua com a sua ironia n’*Apologie*, afirmando que o tédio “é o germe fecundo de atividade que se encontra nas cidades policiadas. Os príncipes estão sujeitos ao tédio, e para falar com justeza, em vez de dizer com o Povo divertir-se, diria entediar-se como um Rei” (*ibid.*). É sabido que tanto para Holbach como para vários contemporâneos seus que o rei Luís XIV mascarou com a sua glória e irradiação cultural as mazelas econômicas e sociais do seu reino. Nesse sentido, é forçosa a leitura literal dessa passagem, pois aparece “manifestamente nela os traços de uma crítica do exercício do poder do Rei-Sol” (Sandrier, 2004, p. 157). O fastio da realeza coloca todo o universo em movimento, sendo que os grandes da história — Alexandre, Luís XIV — tiveram que se entediar para obter as suas grandes conquistas, pois do contrário, sequer alguém saberia de sua existência. Pelo menos aqui, a ironia não pode dissimular a contundente crítica do barão: foi o tédio dos Reis que obrigou os homens a guerrearem sucessivamente, “por onde se vê que os Reis só entediam-se porque seus súditos não possuem a faculdade de entediar-se” (1975, p. 33). Curiosamente, Holbach toca em um ponto importante: uma vez os súditos sem trabalho, eles inevitavelmente sucumbiriam ao tédio e seriam levados a se insurgirem contra aquele que os oprime.<sup>15</sup>

Aproximando-se do final do texto, Holbach quando afirma que os ricos são mais expostos ao tédio, equipara a opulência ao tédio, chegando ao cúmulo da ironia quando afirma que “todos os trabalhos dos homens só tendem a procurar a facilidade de algum dia bem entediar-se” (*ibid.*). Cita o exemplo dos ingleses que mesmo não tendo um termo que corresponda ao *ennui* francês, certamente o sentiram e

---

<sup>15</sup> N’*A Moral Universal*, Holbach afirma: “A ociosidade de um soberano é um crime tão grave quanto a tirania mais comprovada. Os súditos de um monarca ocioso não podem, pelos trabalhos mais rudes, suprir as infinitas necessidades, as imensas fantasias e os vícios que lhe são necessários para encher o seu tempo”.

conheceram.<sup>16</sup> Aludindo à *Fábula das Abelhas* de Mandeville, Holbach assinala que o tédio é o que move o comércio entre as nações, pois se a falta de algo em um determinado país causava langor, tornava-se necessário deslocar-se para obter o que estava faltando, para *desentediarse* (*ibid.*). Foi necessária muita imaginação para inventar sucessivamente novas necessidades que se transformariam na indústria daquelas que se ocupam em satisfazê-las, devido a “uma força secreta que determina ao movimento todo homem que se entedia; desgostoso de tudo o que vê, lhe é preciso a mudança, eis porque o vemos sem cessar ocupado em comprar, trocar, construir, destruir e, sobretudo, concorrer” (1975, p. 33). Sendo o tédio o combustível da marcha mundana, chegará o momento que todas as Nações reverenciarão a sua energia e a atividade das quais torna um povo suscetível devido à eminência e à superioridade do tédio que faz com que uma nação esteja acima das outras, fazendo-a com que seja coberta de honrarias (*ibid.*). Encerrando a *Apologie*, Holbach toca no assunto da religião, mencionando que são infundáveis as vantagens do tédio, pois as supracitadas só concerniam ao mundo temporal e efêmero, ao passo que ele é o modo mais seguro de obter a felicidade eterna que é o fim último dos desejos do homem. É o tédio que leva os homens e as mulheres à devoção. Ele chega em um momento em que as mulheres estão decepcionadas com todos os homens frívolos que não tem mais galanterias a lhes dizer ou homenagens a render-lhes. Encontram consolo, com o seu respectivo Diretor, dos tédios que lhe causam um mundo depravado, entediando-se tão devotamente que para justificarem o seu mérito não medem esforços para entediar os outros. Assim, “o tédio ativo e o tédio passivo são rotas igualmente seguras para chegar ao céu” (*ibid.*).

#### IV

Do estilo claro e direto d'*A Moral Universal* à ironia d'*Apologie de l'ennui*, Holbach, mesmo por frentes estilísticas distintas, não perdeu de vista o ponto principal: a sua crítica contundente ao tédio em seus diversos aspectos e manifestações. Quanto ao último texto, a ironia fornece a imagem de uma sociabilidade decadente onde a perpétua submissão a usos e costumes cambiantes “não compensa mais o tédio, no qual a ausência de troca e de prazer não consegue mais dissimular a relação do parasitismo social” (Lilti, 2005, p. 231). Dessa maneira, aí são encontradas, por exemplo: 1) a denúncia do luxo que é visto como uma corrupção da economia e jamais como o revelador de seu funcionamento; 2) a rejeição dos impulsos egoístas e do utilitarismo e 3) uma fisiologia da intensidade que, na verdade, é uma defesa da justa medida. Quando Holbach enfatiza os traços sensualistas do tédio, este aparece como

---

<sup>16</sup> Em inglês os termos correspondentes seriam *boredom* e *spleen*. Mas este, de acordo com o contexto aqui apresentado, é mais adequado devido a remeter ao sentimento de uma determinada época. Cf. *O spleen de Paris*, de Charles Baudelaire, por exemplo.



“um sub-regime da máquina humana, um paliativo exterior com o qual o indivíduo intoxica-se” (Sandrier, 2004, p. 159).

### Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, C. (2016). *O spleen de Paris: pequenos poemas em prosa*. Tradução de A. Zir. Porto Alegre: L&PM.
- DEPRUN, J. (1979). *La philosophie de l'inquiétude en France au XVIIIe siècle*. Paris: Vrin.
- GRANGER, C. (2001) et al. (Eds.). *L'ennui: histoire d'un état d'âme*. Paris: Publications de la Sorbonne.
- HOLBACH, Baron de (1776). *La morale universelle ou les devoirs de l'homme fondés sur sa nature*. Tome 1, Amsterdam: Marc-Michel Rey.
- HOLBACH, Baron de (1975). “Apologie de l'ennui”. In: *Dix-huitième Siècle*. Paris: PUF, n. 7, pp. 27-34.
- HOLBACH, Baron de (2014). *A moral universal ou os deveres do homem fundamentados na sua natureza*. Tradução de R. Schöpke e M. Baladi. São Paulo: Martins Fontes.
- LILTI, A. (2005). *Le monde des salons: sociabilité et mondanité à Paris au XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris: Fayard.
- MONZANI, L. R. (2011). *Desejo e prazer na idade moderna*. Curitiba: Champagnat.
- PASCAL, B. (2001). *Pensamentos*. Tradução de M. Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes.
- RIMBAUD, A. (2006). *Uma temporada no inferno*. Tradução de P. H. Filho. Porto Alegre: L&PM.
- SANDRIER, A. (2004). *Le style philosophique du Baron d'Holbach: conditions et contraintes du prosélytisme athée en France dans la seconde moitié du XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris: Honoré Champion.
- SVENDSEN, L. (2006). *Filosofia do tédio*. Tradução de M. X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar.